

29 JUN 1993

4 — JORNAL DA TARDE

Econ. Brasil

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
 (1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
 (1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Homem de Montes
 Oliveira S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

Fim da recessão?

A economia brasileira deve fechar o primeiro semestre com um crescimento da produção, em relação a igual período do ano passado, semelhante ao do primeiro trimestre, quando se registrou um aumento de 4,36% sobre 1992.

Vários segmentos estão apresentando, neste ano, um desempenho expressivamente melhor do que o do ano passado, quando o PIB brasileiro foi quase 1% menor do que o de 1991, que, por sua vez, tinha sido pouco maior do que o de 1990, ano em que a economia do País encolheu nada menos do que 4,4%. Responsável por cerca de 10% do PIB brasileiro, a indústria automobilística vive hoje um dos melhores momentos de sua história no Brasil. Calcula-se que, no primeiro semestre, sua produção será de 625 mil veículos, um recorde histórico. Por ser abastecido por uma gama variada de outras indústrias, o setor automobilístico espalha com rapidez seus efeitos para uma fatia ampla da economia.

A indústria imobiliária e de construção, também capaz de impulsionar outros negócios, apresenta em São Paulo um dinamismo que há muitos anos não se via. De janeiro a abril, foram lançados na Capital três vezes mais prédios do que nos quatro primeiros meses do ano passado.

Informações como essas, somadas à constatação de que se consome mais energia elétrica (indicador indireto do nível de atividades da economia) e de que não tem aumentado o desemprego, confirmam que a economia brasileira vive um período melhor do que o ano passado.

Já há quem fale em fim da recessão, que vem afetando o desempenho da economia brasileira de maneira intermitente desde o início da década passada, mas de forma aguda e continuada nos últimos três ou quatro anos. Mas a conclusão é apressada.

O crescimento que tem sido observado nos últimos meses se dá sobre uma base de comparação baixa. A indústria automobilística, por exemplo, só agora volta aos níveis que apresentava no final dos anos 70 e início dos 80. A indústria de construção, por sua vez, mesmo com o crescimento registrado nos últimos meses, ainda deve estar num nível inferior ao que apresentava 13 anos atrás. Além disso, mesmo que ao longo do ano se confirme o crescimento de cerca de 4% do PIB, será um aumento menor do que a média que o Brasil apresentou durante várias décadas, até o início da crise dos anos 80.

Permanecem, ainda, grandes incertezas quanto ao futuro, provocadas pela instabilidade econômica expressa numa inflação de 30% ao mês, que distorce qualquer planejamento de médio e longo prazos e inibe qualquer decisão empresarial importante. O crescimento da produção, como têm observado economistas e empresários, não tem resultado do aumento dos investimentos na modernização ou na ampliação do parque produtivo, mas da maior utilização da capacidade instalada. Não tem havido, de outra parte, aumento expressivo do número de empregados, mas apenas das horas trabalhadas, isto é, das horas extras. As empresas evitam contratar, porque temem ter de demitir daqui a algum tempo, quando a situação pode ser outra.

Seria bom se pudéssemos já comemorar o fim da recessão. Pagamos um preço muito alto — em termos de queda de produção, de emprego e de renda — por ela, e todos os brasileiros desejam que a economia volte a crescer.

Por enquanto, porém, se há motivos para alimentarmos esperanças, é muito cedo ainda para acreditarmos que a recessão está definitivamente superada.